

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LIBRAS: UM ESTUDO SEMÂNTICO- LEXICAL DOS SINAIS DE ANIMAIS EM SÃO LUÍS - MA

THE LINGUISTIC VARIATION IN LIBRAS: A SEMANTIC-LEXICAL STUDY OF ANIMALS SIGNS IN SÃO LUÍS - MA

Ana Beatriz Rangel Urbano¹⁵

Ana Júlia de Sousa Gomes¹⁶

Aryama Catheyrin Fonseca Ferreira¹⁷

Yurih Shaolin de Sousa Santos¹⁸

Zuleica de Sousa Barros¹⁹

Resumo: O presente artigo trata-se de um estudo sociolinguístico que possui como objetivo analisar a variação lexical na Língua Brasileira de Sinais, no campo semântico animais. Para este trabalho foram selecionados e analisados os itens lexicais *camarão e papagaio*. Para fundamentar este trabalho utilizaram-se autores como Saussure (2006), Labov (1972), Coelho et al. (2018), Strobel e Fernandes (1998) e outros. Além da pesquisa de cunho bibliográfico, efetuou-se uma pesquisa de campo para realizar a coleta de dados. Optou-se neste estudo em realizar entrevistas com oito sinalizantes surdos, sendo quatro homens e quatro mulheres, residentes na capital de São Luís – MA e todos maiores de dezoito anos. Os resultados deste trabalho apontam que a diferença de sexo/gênero é um fator que influencia nas produções linguísticas. Diante disto, espera-se, ainda, com esta pesquisa, contribuir para os estudos sociolinguísticos variacionistas da Libras, assim como, estimular futuras pesquisas sociolinguísticas voltadas para essa língua sinalizada.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Lexical. Libras. Animais.

Abstract: *This article is a sociolinguistic study about aims to analyze the Brazilian Sign Language, in the semantic field of animals. For this study, two lexical items were selected and analyzed, the lexical items. To support this work, authors such as Saussure (2006), Labov (1972), bibliographic,*

¹⁵ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras-Libras. E-mail: urbano.ana@discente.ufma.br Universidade Federal do Maranhão (UFMA) email@ufma.br

¹⁶ Graduanda do 3º período do curso de Licenciatura em Letras-Libras. E-mail: ajs.gomes@discente.ufma.br Universidade Federal do Maranhão (UFMA) email@ufma.br

¹⁷ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras-Libras. E-mail: aryama.ferreira@discente.ufma.br Universidade Federal do Maranhão (UFMA) email@ufma.br

¹⁸ Graduando do curso de Licenciatura em Letras-Libras. E-mail: yurih.santos@discente.ufma.br Universidade Federal do Maranhão (UFMA) email@ufma.br

¹⁹ Professora Assistente do Departamento de Letras da UFMA. E-mail: zuleicabarros23@gmail.com

a field research was carried recently. In this study, we chose to conduct interviews with eight deaf people, four men and four women, residents in the city of São Luís - MA, all over the age of eighteen. The results of this work point out that sex/gender difference is a factor that influences the linguistic productions. With this, is expected with this sociolinguistic research, contribute to the studies of Libras, as well stimulate future sociolinguistic research's focused on that language.

Keywords: Sociolinguistics. Lexical Variation. Libras. Animals.

Introdução

O ser humano é um ser social que possui a necessidade de se comunicar, o que sempre ocorre espontaneamente através da linguagem. É a partir dessa necessidade que nos expressamos e que traz consigo as marcas históricas e sociais em que os falantes estão inseridos. Logo, a Sociolinguística compreende como as transformações sociais irão modificar significativamente a língua, comprovando que as variações existentes são produtos de fatores linguísticos e extralinguísticos presentes na sociedade.

Com tais afirmações e estudos sociolinguísticos, a presente pesquisa apresenta a problemática de como ocorrem tais variações na Língua Brasileira de Sinais, dentro do campo semântico “animais” e abrindo discussões para análise destes repertórios linguísticos. Compreendendo que a Língua de Sinais Brasileira, enquanto língua, também está sujeita às mudanças. O objetivo do trabalho delimita-se à análise dos sinais de papagaio e camarão, comprovando suas variações quando usados nas comunicações sociais sinalizadas.

Posposto aos resultados obtidos, discorre-se no referencial teórico como a língua e sociedade estão sempre em modificação, de que forma a sociolinguística abrange ainda mais os olhares sob as variações, língua como uma prática social e por fim, contextualizar na Língua Brasileira de Sinais, como ocorrem tais variações, categorizando em mudanças históricas, regionais e sociais. Para fins de assertivas teóricas, utilizou-se estudos e pressupostos Labovianos, considerando que suas pesquisas foram pertinentes à observação da língua nos diferentes contextos sociais e situações concretas, analisando de forma dinâmica e heterogênea como ela se processa e promove a comunicação entre os sujeitos sociais.

Destaca-se que, embora essas variações sejam relativas aos parâmetros apresentados ao decorrer da análise de dados, bem como em línguas que não estão na modalidade visual-gestual, a Libras irá sofrer semelhantes alterações, levando em conta mudanças condicionadas ao meio em que é sinalizada.

Para a metodologia da pesquisa e a melhor compreensão das variantes examinadas, se fez necessário analisar o perfil dos participantes e o meio em que se encontram. Com isso, levantamos os dados considerando a faixa etária dos participantes, localidade, sexo, escolaridade e contato que eles têm com a Língua Brasileira de Sinais.

Para fins de análise dos sinais informados, utilizou-se os parâmetros de configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M) e orientação de mão (OM) e orientação da palma proposto por Stokoe (1960) e Klima e Bellugi (1979). Na coleta de dados e descrição dos sinais de forma minuciosa, a pesquisa conta com o aparato de imagens, a fim de especificar e exemplificar a sinalização dos informantes, permitindo, então, uma comparação das possíveis variantes existentes apresentadas por eles.

Língua e sociedade

A linguagem está presente no cotidiano dos seres humanos desde o início dos tempos, quando o homem pré-histórico fazia desenhos nas paredes das cavernas na intenção de se comunicar. Com o desenvolvimento do homem e do meio, surgiu a necessidade de um código, um sistema organizado e comum ao grupo para que assim acontecesse a interação entre os indivíduos. O atual mundo globalizado apresenta uma vasta quantidade de línguas, e um povo multicultural. É fato que língua e sociedade são indissolúveis, pois, o homem necessita dessa interação com o outro para se desenvolver. Desde o nascimento, o bebê é exposto à linguagem, e desenvolve o código apresentado por aqueles que lhe rodeiam, pois, a fala não é analisada na individualidade, mas mediante um coletivo, tornando-se uma representação social.

A língua se constrói devido às necessidades sociais, econômicas e culturais. O contexto social no qual está inserido o sujeito, a partir da perspectiva linguística, ou seja, daquilo que é falado pelos indivíduos, é a base fundamental para a análise do

desenvolvimento dessa língua e, dentro desse contexto, encontrar: sua perspectiva econômica, gênero, escolaridade, localidade, entre outros. Fatores como estes que irão influenciar na forma como este indivíduo se comunica.

Ao estudarmos campos como o da lexicologia, área responsável por analisar o léxico e sua organização de pontos de vista distintos e a significação lexical, diz respeito ao sentido da palavra. Nota-se que cada palavra remete a particularidades diversas que se relacionam a região geográfica, ao período histórico, a sua realização fonética, aos morfemas que a constrói, como é a sua distribuição nos sintagmas, e por fim, ao seu uso social. Podemos constatar, mediante os estudos da lexicologia, que uma mesma língua possui inúmeros termos que não são considerados certo e/ou errado, quando essa variação está condicionada a origem do falante.

Mediante a evolução da humanidade surge a necessidade de registrar aquilo que é falado. Uma língua necessita do registro para evoluir e garantir sua existência. Atualmente, possuímos uma vasta quantidade de línguas, que decorrem da fala, que é passada de geração em geração, e dos registros escritos feitos ao longo dos séculos. Nesse sentido, a lexicografia é a área responsável pela categorização dos termos de uma determinada língua através de dicionários e glossários.

Através dos estudos sociolinguísticos na perspectiva da oralidade, um determinado termo não deve ser considerado certo ou errado, contudo, o registro escrito dos termos analisados com cautela pela gramática corrobora para a evolução da língua. Constata-se então, que os estudos nas áreas da lexicologia e lexicografia são de extrema valia para o campo da linguística.

Maria Aparecida Barbosa (1980) em seu artigo *Modelos em Lexicologia* conceitua essas áreas do léxico e mostra como estas colaboram entre si, afirmando que com efeito, se considerarmos a lexicologia como ciência e a lexicografia como tecnologia, compreende-se sem dificuldade, que as suas atividades sejam complementares” (BARBOSA, 1980, p. 263). Assim, é fundamental entender que a Lexicologia e a Lexicografia são duas importantes áreas no estudo do léxico, conseguindo evidenciar, por meio de pesquisas desenvolvidas nessa área, que a nossa produção linguística é um espelho de quem somos e de onde viemos.

Portanto língua e sociedade apresentam um elo indissolúvel, a língua tem relação com a posição social do falante, a língua pode ser um indicativo da identidade de determinado grupo social. É válido destacar que não se trata de valorizar ou menosprezar determinadas variantes, mas deve-se destacar que crianças e idosos se expressam linguisticamente de forma diferente, que o homem e a mulher usam variações linguísticas diferentes. E estas diferenças estão condicionadas ao meio.

William Labov (2008), em seu livro *Padrões linguísticos*, relata sobre a língua como indicador de mudança social: A variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social (LABOV, 2008, p. 140).

Destaca-se, então, como a fala dos sujeitos está condicionada aos papéis sociais que estes exercem no meio em que estão inseridos. Isso implica destacar como é importante, dentro desse estudo sociolinguístico, considerar os fatores que pesam nas construções lexicais dos falantes, pois a sociedade exige dos seus falantes exercer determinados papéis e, para cada papel social exercido, adota-se diferentes comportamentos linguísticos.

Os estudos sociolinguísticos

A visão sociolinguística veio para romper com concepções que conceituavam a língua em uma realidade abstrata, ou seja, desvinculada de fatores primordiais, como os históricos e socioculturais que a modificam, dando ênfase ao gerativismo e estruturalismo, fortes correntes linguísticas. Contudo, para responder questionamentos no que diz respeito à variação linguística, é impossível desvincular ou considerar que o sistema linguístico seja inerte.

Para Coelho (2018) a língua varia, e essa variação é decorrente de fatores importantes que estão presentes na sociedade, além de fatores que podem ser encontrados

na própria língua. Com isso, é possível perceber que a Sociolinguística veio para romper esses paradigmas dessas correntes já existentes.

Lucchesci (2004) a Sociolinguística surgiu como uma proposta à inflexibilidade do formalismo linguístico em tratar e até mesmo desconsiderar questões de mudanças e transformações. Na visão do autor, Saussure distanciou a língua de seu devir histórico, categorizando a análise estrutural como sincrônica, incapaz de lidar com essas variações.

Para Labov (1972) a Sociolinguística se faz ainda mais complexa em seus estudos, tendo que ser dividida para uma melhor compreensão dos fenômenos linguísticos que ocorrem na sociedade. A Sociolinguística Variacionista, também conhecida por Sociolinguística Laboviana, onde Labov expõe seus estudos e considerações sobre variantes, focando também em resultados estatísticos (Sociolinguística quantitativa) e ressaltando a Teoria da Variação e Mudança.

De acordo com Labov (1972) a língua não estabelece um sistema coerente e racional, sendo bem mais complexa ao considerar dentro de sua própria construção alterações que devem ser analisadas e estão dentro do contexto social, ou seja, variações linguísticas. Considerando que a língua é um fator social, não poderia ser enxergada e nem analisada em um sistema heterogêneo. “Os procedimentos de descrição linguística são baseados na concepção de linguagem como um conjunto estruturado de normas sociais” (LABOV, 1972, p. 82).

É importante ressaltar que Labov (1972) leva em consideração que toda variação e mudança linguística são motivadas por fatores de natureza linguística e social. Por tanto, não é possível estigmatizar uma variação se baseando somente à influência de um fator isolado, logo, deve-se considerar a persuasão de condicionantes internos e externos sobre a língua.

A variação linguística na Libras

Como já fora mencionado, a variação e a mudança linguística são processos naturais. Portanto, é necessário compreender de que forma essas mudanças ocorrem. Labov (2018) enuncia os conceitos de variedade, em que se caracteriza a determinado

grupo social; a variação, diz respeito ao fenômeno que ocorre quando duas formas diferenciadas de fala carregam o mesmo significado; variável é o conjunto de variantes linguísticas, podendo ser classificada como padrão e não padrão; e variante, que são as formas individuais que “disputam” pela expressão de variável.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras está sujeita a evolução, podendo ocorrer mudança como toda língua, variando de estado para estado dentro de um mesmo país. Por sermos um organismo vivo a língua se torna sujeita às interferências de outras línguas que circulam ao redor dela. Segundo Bagno (2007) há elementos sociais que viabilizam esse fenômeno da variação linguística. A origem regional que muda de uma região para outra, status socioeconômico em que essa pessoa cresce, o grau de escolarização que também influencia na leitura e por último o sexo, homens e mulheres fazem o uso diferenciado da língua. Strobel e Fernandes (1998) consideram a variação como um acontecimento identificável na Libras, o que acaba confirmando o caráter natural dessa língua.

[...] linguagem é uma faculdade humana, uma capacidade que os homens têm para produzir, desenvolver, compreender a língua e outras manifestações simbólicas semelhantes à língua. A linguagem é heterogênea e multifacetada: ela tem aspectos físicos, fisiológicos e psíquicos, e pertence tanto ao domínio individual quanto ao domínio social. (SAUSSURE, 2006).

Para compreender mais esse assunto, Strobel e Fernandes (1998) mostram alguns exemplos de variações históricas, sociais e regionais. Observemos como isso ocorre na Língua brasileira de Sinais. A variação regional ocorre de acordo com a cultura de uma região, podemos perceber mudanças nas: Configuração de mão, Movimento e ponto de articulação; na variação social temos um grupo pertencente específico com a linguagem formal ou informal, podendo usar gírias ou uma linguagem coloquial, pode ocorrer mudanças na configuração de mão e movimento; Na variação histórica pode sofrer transformação ao longo tempo. Essas mudanças podem ocorrer: aumento de vocabulário, mudança de significado, diminuição do sinal ou substituição.

A maioria no mundo, há, pelo menos, uma língua de sinais usada amplamente na comunidade surda de cada país, diferente daquela da língua falada utilizada na mesma área geográfica. Isto se dá porque

essas línguas são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades surdas. (JUNIOR apud STROBEL E FERNANDES 1998 pág. 56).

Metodologia

O método que foi utilizado para a realização dessa pesquisa é o quantitativo, com a finalidade de analisar, em valores numéricos e, de acordo com o número de participantes alcançando a sinalização das variantes, tendo como perfil principal maranhenses, surdos e que possuem contato com a Língua Brasileira de Sinais.

A pesquisa contou com oito participantes, sendo 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino, totalizando quatro homens e quatro mulheres. A faixa etária majoritária dos participantes está entre dezoito a vinte e cinco anos e o restante entre vinte e cinco a trinta e cinco anos de idade.

No que diz respeito ao nível de escolaridade dos participantes, dois têm o ensino superior incompleto, um tem o ensino médio completo, um com o ensino médio técnico completo, dois com médio incompleto, um com superior completo e um com o ensino fundamental maior completo.

Como já apresentado, a pesquisa contou com surdos residentes no estado do Maranhão, sendo que sete encontram-se na localidade de São Luís. É importante ressaltar que a pesquisa considerou o tempo de contato dos participantes com a Língua Brasileira de Sinais, sendo que cinco desses já apresentaram familiaridade com esta língua desde o nascimento até os dez anos de idade e três, tiveram contato dos onze aos vinte anos de idade.

O campo semântico trabalhado na pesquisa para sinalização dos participantes são animais, escolhidos com o objetivo de identificar as possíveis variantes das palavras que serão apresentadas ao decorrer do trabalho. Todos os dados apresentados na pesquisa foram coletados por meio de formulário virtual *Google Forms* e por vídeos, enviados via mídia social *WhatsApp* com sinalização dos participantes de alguns animais do campo semântico solicitado.

Para realizar a coleta dos itens lexicais selecionados para esta pesquisa, inicialmente foi elaborado um questionário no *Google Forms*. Este questionário contém

perguntas relevantes para a realização da análise dos dados, como por exemplo, qual é o sexo/gênero do (a) informante, qual a faixa etária e a escolaridade.

Além das perguntas do *Google Forms*, também se elaborou outro questionário, este composto por perguntas que objetivavam como resposta os sinais das unidades lexicais selecionadas para esta pesquisa, ou seja, as variantes que os informantes utilizam para se referir aos termos camarão e papagaio.

Para a aplicação deste último questionário pensou-se em realizar entrevistas individuais com os 8 (oito) informantes via *Google Meet*, uma vez que devido ao momento atípico em que se encontra a sociedade, as entrevistas ficam impossibilitadas de serem realizadas pessoalmente. Porém, encontrou-se grande resistência por parte dos informantes para a realização das entrevistas, além de problemas como a conexão de internet, que é uma ferramenta indispensável para a utilização do *Google Meet*. Diante dessas dificuldades, decidiu-se então mudar a metodologia para a coleta de dados, ou seja, em vez de utilizar a plataforma *Google Meet*, mudou-se para o canal *WhatsApp*.

Assim sendo, produziu-se um vídeo com as perguntas visando obter como respostas os sinais que os informantes utilizam para os dois itens lexical selecionado para a pesquisa. No entanto, ao enviar o vídeo para os informantes, notou-se que estes apresentaram dificuldades para compressão. Devido a essa circunstância, optou-se em utilizar o recurso das réalias²⁰ (imagens). Sendo assim, enviou-se para os oito informantes duas réalias (imagens), uma correspondente ao animal camarão e a outra ao papagaio. E foi a partir deste recurso, as réalias (imagens), que os informantes apresentaram os sinais que utilizam para se referirem aos dois itens lexicais que foram selecionados para serem analisados nesta pesquisa.

De acordo com Stokoe (1960) a configuração de mão (CM) é a forma em que as mãos assumem durante a execução de um sinal, respeitando a posição de cada dedo. O movimento (M) é o que a mão irá fazer durante a execução de um sinal, e na Língua Brasileira de Sinais é importante para a compreensão da concordância verbal. O ponto de articulação (PA) diz respeito ao local em que o sinal será feito, ou seja, o ponto espacial

²⁰ As réalias são imagens utilizadas para a coleta dos itens lexicais pesquisados.

que as mãos irão incidir ao sinalizar. A orientação da palma da mão (OP) é a direção em que essa palma está, no momento da sinalização.

As principais direções apontadas por Klima e Bellugi (1979) categorizando-as da seguinte forma: palma para baixo, palma para cima, palma para trás, palma para esquerda, palma para direita e por fim, palma para frente.

Sobre as configurações de mão dos sinais selecionou-se o quadro organizado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que permite descrever a forma detalhada da mão em que cada sinal é feito, atentando-se para um dos parâmetros que compõem as variantes.

Figura 5: tabela de configurações de mão



Fonte: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2082-1.pdf>

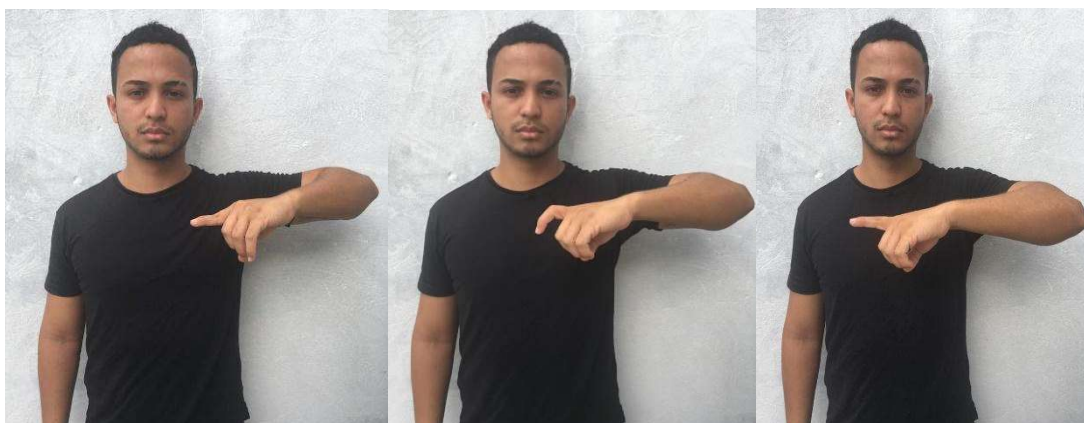
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Essa seção é destinada para a apresentação dos dados coletados, realizando uma descrição e análise das unidades lexicais que foram apuradas durante a pesquisa de campo através das entrevistas com os informantes. Para a descrição e análise das variantes apresentadas pelos informantes considerou-se os parâmetros Configuração de Mão (CM), Movimento (M) e Ponto de Articulação (PA) propostos por Stokoe (1960), assim como, Orientação da Palma (OP) acrescentado, posteriormente, pelos linguistas Klima e Bellugi (1979).

❖ VARIANTE 1 – CAMARÃO

A figura abaixo apresenta a variante utilizada para o item lexical CAMARÃO. Esta variante é realizada com apenas uma mão. De acordo com a tabela do INES, a configuração de mão utilizada inicialmente é a de nº 53, em seguida muda para a configuração de mão nº 45, retornando para a configuração inicial. A orientação da palma é para baixo, apresentando como ponto de articulação o espaço neutro (frente ao corpo) e movimento angular.

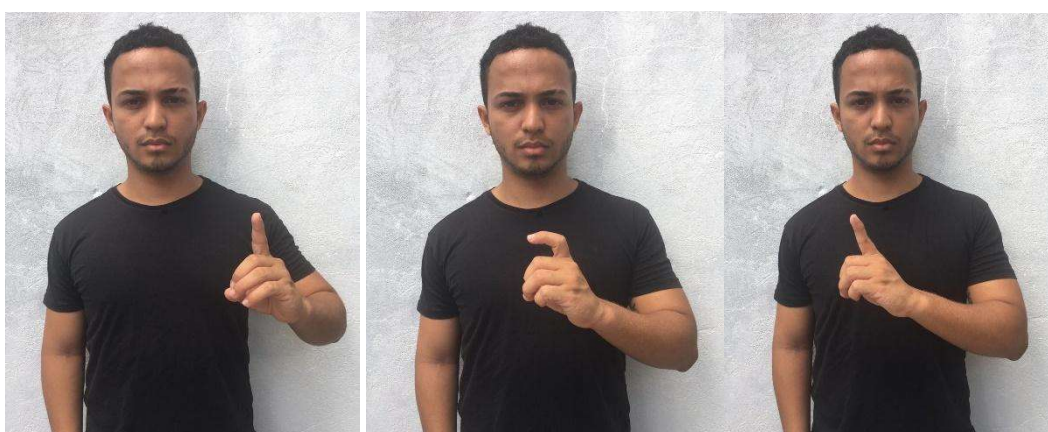
Figura 6: Sinal de CAMARÃO



Fonte: Elaborado pelos autores

A figura a seguir demonstra a segunda variante encontrada para a unidade lexical CAMARÃO. Este sinal é realizado com somente uma mão. Observa-se que a configuração de mão utilizada é a de nº 53, posteriormente, muda para a de nº 45 retornando para a configuração inicial. Tendo a orientação da palma da mão lateral, possui como ponto de articulação o espaço neutro (frente ao peito) e movimento angular.

Figura 7: Sinal de CAMARÃO



Fonte: Elaborado pelos autores

Na próxima figura observa-se a terceira variante encontrada para o termo CAMARÃO. Esta variante é realizada apenas com uma mão. A configuração de mão

inicialmente utilizada é a de nº 49, mudando para a configuração de mão de nº 45 retornando para a configuração inicial. A orientação da palma é para baixo, apresenta como ponto de articulação o espaço neutro (frente ao peito) e movimento angular.

Figura 8: Sinal de CAMARÃO



Fonte: Elaborado pelos autores

❖ VARIANTE 4 – CAMARÃO

A figura abaixo apresenta a quarta variante para o item lexical CAMARÃO. O sinal é realizado com as duas mãos. A mão dominante assume a configuração de nº 44, apresentando a orientação da palma para dentro, o ponto de articulação é o dedo indicador da mão não dominante e o movimento é semi-circular. Já a mão não dominante possui a configuração de mão nº 46, não apresenta movimento, a orientação da palma é para dentro e o ponto de articulação é o espaço neutro (frente ao peito).

Figura 9: Sinal de CAMARÃO

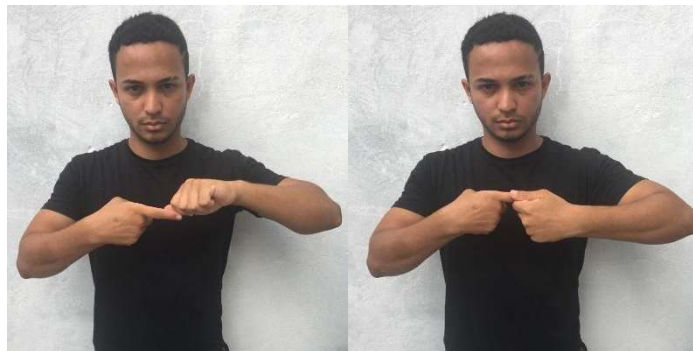


Fonte: Elaborado pelos autores

❖ VARIANTE 5 – CAMARÃO

A figura a seguir demonstra a quinta variante para o termo CAMARÃO. Esta variante é realizada com as duas mãos. A mão dominante possui como configuração de mão de nº 46, com a orientação da palma para dentro, movimento semi-circular e o ponto de articulação do dedo indicador da mão não dominante. A mão não dominante apresenta configuração de mão nº 49, orientação da palma para dentro, ponto de articulação do espaço neutro (frente ao peito) e não possui movimento.

Figura 10: Sinal de CAMARÃO

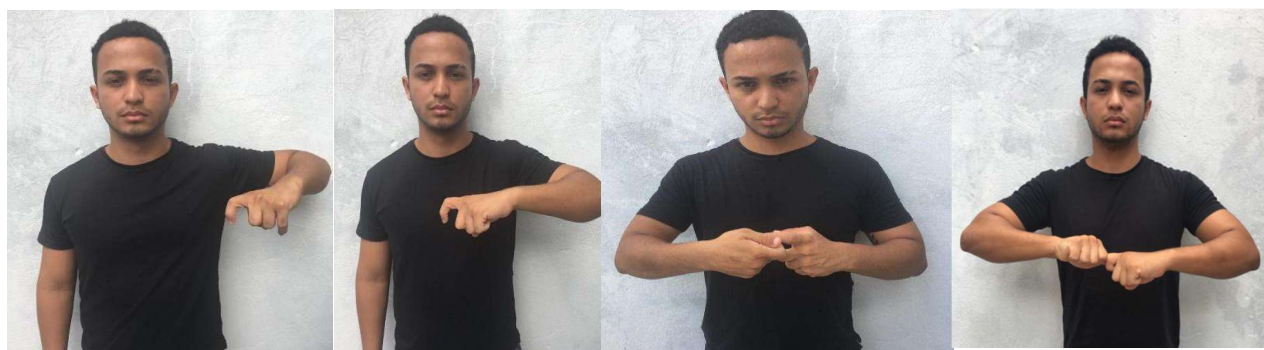


Fonte: Elaborado pelos autores

❖ VARIANTE 6 – CAMARÃO

Na próxima figura tem-se a última variante coletada para a unidade lexical CAMARÃO desta pesquisa. O significado deste termo se dá a partir da combinação de dois sinais. O primeiro é realizado com uma mão, sendo a configuração de mão de nº 45, possui orientação da palma para baixo, ponto de articulação o espaço neutro (frente ao peito) e movimento angular. O segundo sinal é realizado com as duas mãos. A mão dominante com a configuração de mão de nº 74, com o ponto de articulação do dedo indicador da mão não dominante, orientação da palma para baixo e movimento retilíneo. Já a mão não dominante tem como configuração de mão nº 45, com a orientação da palma para baixo, ponto de articulação o espaço neutro (frente ao corpo) e sem a presença de movimento.

Figura 11: Sinal de CAMARÃO

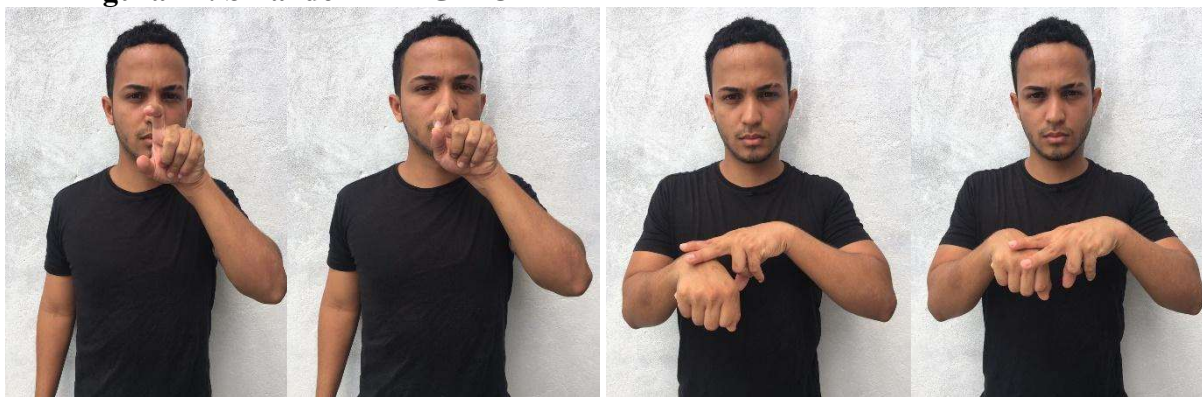


Fonte: Elaborado pelos autores

❖ VARIANTE 1 – PAPAGAIO

A figura abaixo demonstra a variante coletada para o item lexical PAPAGAIO. Esta variante é realizada com um sinal composto. O primeiro é feito com apenas uma mão que assume inicialmente a configuração de mão n° 43, mudando para a configuração de n° 41, retornando novamente para a configuração inicial. A orientação da palma é para frente, apresenta como ponto de articulação a boca e sem movimento. O segundo é realizado com a mão dominante com a configuração de mão de n° 54, orientação da palma para baixo, tendo como ponto de articulação o dorso da mão não dominante e o movimento é retilíneo. A mão não dominante apresenta configuração de mão n° 69, a orientação da palma é para baixo, é realizada no espaço neutro (frente ao peito) e não possui movimento.

Figura 12: Sinal de PAPAGAIO

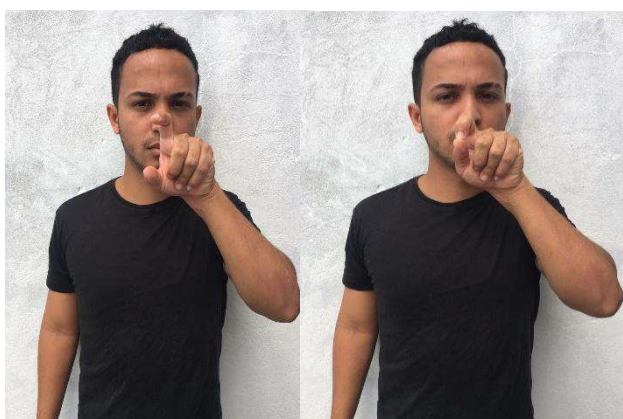


Elaborada pelos autores

❖ VARIANTE 2 – PAPAGAIO

Na figura a seguir observa-se outra variante coletada para o termo PAPAGAIO. Esta variante é realizada somente com uma mão. A configuração de mão é a de n° 43, posteriormente assume a configuração de n° 41 e retorna para a configuração inicial. Possui a orientação da palma para frente, o ponto de articulação é a boca e não apresenta movimento.

Figura 13: Sinal de PAPAGAIO

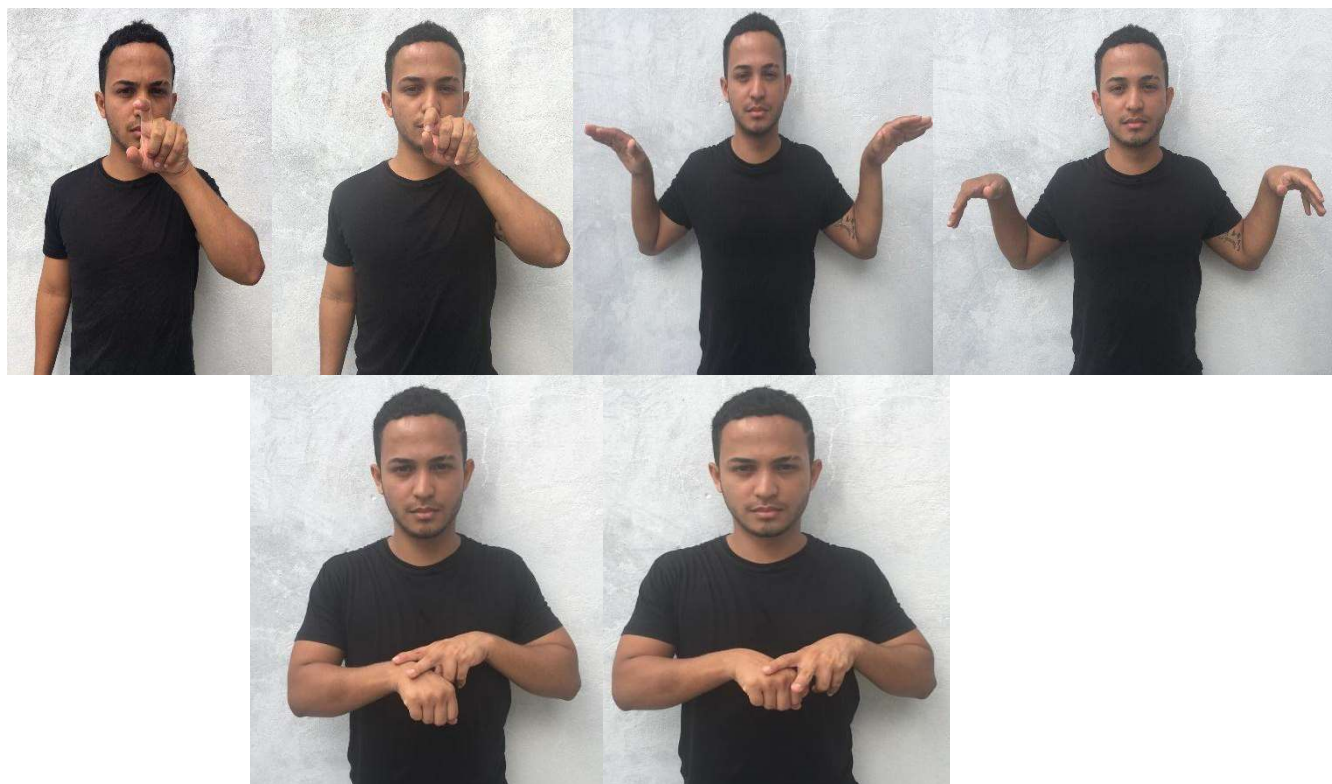


Fonte: Elaborada pelos autores

❖ VARIANTE 3 – PAPAGAIO

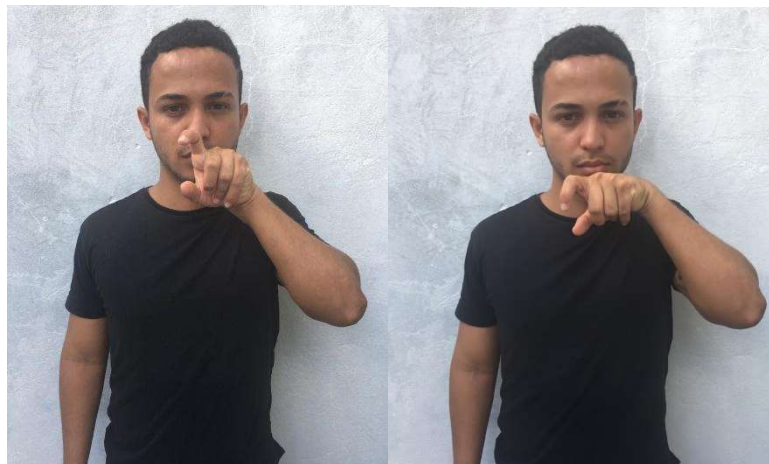
A próxima figura demonstra a terceira variante para a unidade lexical PAPAGAIO. O significado deste termo se dá a partir da combinação de três sinais. O primeiro sinal é realizado com uma mão, esta apresenta configuração de mão inicial de nº 43, mudando para a configuração de nº 41 e voltando para a primeira configuração. A orientação da palma é para frente, o ponto de articulação é a boca e não apresenta movimento. O segundo é realizado com ambas as mãos com a configuração inicial de nº 2, mudando para a configuração de nº 75, retornando para a configuração inicial. Tem a orientação da palma voltada para baixo, o ponto de articulação é o espaço neutro (lateral do corpo) e o movimento é semi-circular. O terceiro sinal é realizado com as duas mãos. A mão dominante possui a configuração de mão de nº 54, orientação da palma para baixo, tendo como ponto de articulação o dorso da mão não dominante e o movimento é retilíneo. Já a mão não dominante apresenta configuração de mão nº 69, a orientação da palma é para baixo, é realizada no espaço neutro (frente ao peito) e não possui movimento.

Figura 14: Sinal de PAPAGAIO



Fonte: Elaborada pelos autores

Na figura seguinte observa-se a próxima variante para o termo PAPAGAIO. Esta variante é realizada com apenas uma mão, que assume a configuração de mão nº 48, a orientação da palma é para frente mudando posteriormente para baixo. Apresenta como ponto de articulação a boca e possui movimento do pulso semi-circular.



Fonte: Elaborada pelos autores

❖ VARIANTE 5 – PAPAGAIO

A próxima figura apresenta a quinta variante para o item lexical PAPAGAIO. Esta variante é realizada com um sinal composto. O primeiro é realizado com a mão dominante com a configuração de mão de nº 54, orientação da palma para baixo, tendo como ponto de articulação o dorso da mão não dominante e o movimento é retilíneo. A mão não dominante apresenta configuração de mão nº 69, a orientação da palma é para baixo, é realizada no espaço neutro (frente ao peito) e não possui movimento. O segundo é feito com a configuração de mão nº 48, a orientação da palma é para frente mudando posteriormente para baixo. Apresenta como ponto de articulação a boca e possui movimento do pulso semi-circular.

Figura 16: Sinal PAPAGAIO



Fonte: Elaborada pelos autores

❖ VARIANTE 6 – PAPAGAIO

Na figura abaixo observa-se outra variante para a unidade lexical PAPAGAIO. A realização desta variante é feita com apenas uma mão, esta assume a configuração de nº 45, a orientação da mão é para baixo, o ponto de articulação é o espaço neutro (frente a boca) e o movimento é retilíneo.

Figura 17: Sinal PAPAGAIO



Fonte: Elaborada pelos autores

Mediante os dados adquiridos, para o item lexical de CAMARÃO em Libras, observou-se que os informantes do sexo masculino utilizaram entre si, as variantes 4, 5 e 6, ressalta-se que essas se diferem pouco para designar camarão. As informantes do sexo feminino utilizaram as variantes 1, 2 e 3, para o mesmo sinal. Apenas um dos homens optou pelo mesmo sinal que as mulheres. Nota-se então, que após a apresentação das imagens, as variantes masculinas optaram pelo rigor da ilustração, utilizaram o sinal corresponde a ideia de camarão-comida, apresentado na imagem para todos os informantes durante a pesquisa.

As informantes do sexo feminino optaram pelo sinal que correspondente a camarão-animal, ou seja, levando em consideração o campo semântico da pesquisa: animais. Destaca-se que os sinais se parecem tanto dentro do sexo feminino, quanto dentro do sexo masculino, com diferenças nas configurações de mão, que são muito

próximas entre si, com características individuais da sinalização de cada sujeito, influenciado, pela escolaridade e léxico da língua. As mulheres mostraram-se mais conservadoras em relação aos sinais dicionarizados, de acordo com o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da língua de sinais brasileira* (CAPOVILLA, et al., 2001)

Devemos destacar que o único homem que utilizou a mesma variante que as mulheres, é o mais novo indivíduo do sexo masculino que participou da pesquisa, dessa forma o fator idade influencia no fator gênero, por ter recebido uma educação diferenciada, e provavelmente voltadas as normas padrões da língua.

Ao apresentar-se o a imagem PAPAGAIO, três informantes do sexo masculino utilizaram as variáveis 4, 5 e 6, apenas um dos informantes apresentou o mesmo sinal realizado pelas mulheres para designar papagaio (variante 2) , ato causado novamente pelo fator idade, pois trata-se do informante mais velho, dessa forma opta por essa variante, mais descritiva que pode ser usada para um campo semântico maior: os pássaros em geral, as informantes do sexo feminino utilizaram as variantes 1, 2 e 3, entretanto, duas informantes utilizaram o sinal cor- verde, com intuito de descrever melhor a ilustração.

Mediante a descrição dos dados, podemos analisar que os informantes do sexo masculino tendem a ser mais sucintos e sinalizar de forma categórica, de acordo com as imagens apresentadas. Contudo, as informantes do sexo feminino tendem a ser mais descritivas, e minuciosa, enquanto os homens focaram na ilustração, as mulheres buscaram compreender o contexto da pesquisa, o campo semântico e utilizam de sinais dicionarizados para significar os referentes. Essa variação acontece mediante a tendência de normatização das mulheres, que durante o seu aprendizado na língua sinalizada mostram-se adeptas a língua de sinais como um todo referencial e contextualizado, de forma que durante a sinalização avaliaram além do item lexical, o contexto e o campo semântico da pesquisa.

Dessa forma, a presente pesquisa traz a variação lexical na Língua Brasileira de Sinais que acontece condicionada ao fator gênero e que pode ser influenciado pelo fator idade, pois as mulheres apresentam tendência explicativa, e os homens são mais

sucintos. A explicação para essas diferenças linguísticas conta através dos papéis sociais que homens e mulheres realizam. É totalmente comum atribuímos essas características detalhista a figura feminina, e as características mais robustas aos homens dentro de uma visão mais geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho, conforme apontado anteriormente, é analisar, por meio de vídeos apresentados, como os sinalizadores surdos, usuários da Língua Brasileira de Sinais, utilizam determinados sinais na região em que vivem. Observou-se durante toda a pesquisa a existência de variações linguísticas no decorrer das sinalizações do campo semântico dos animais, na qual foram escolhidos apenas dois sinais neste estudo: Camarão e Papagaio. Para CAMARÃO, quanto as configurações de mão utilizadas, apenas três participantes fizeram uso da mesma configuração, o mesmo se repete com o sinal para PAPAGAIO.

Ao adotar essas produções, como base nas análises, foram verificados detalhes em suas opostas formas de sinalização que nos remetem a reflexão sobre as variações na Língua Brasileira de Sinais da região pesquisada. Além das configurações de mão apresentadas pelos informantes, encontrou-se também repetições e semelhanças por parte dos sinalizantes do sexo masculino, bem como sexo feminino em algumas variantes que ocorrem dentro dos parâmetros existentes na sinalização, como variação na palma da mão e ponto de articulação.

De acordo com a sociolinguística, podemos perceber que a variação linguística é determinante na estrutura das línguas de sinais e constitui um fator que contribui para a evolução da língua. Sendo assim, essa pesquisa contribui para um melhor entendimento do uso das variações, para os estudos futuros da sociolinguística na área da Libras e para uma possível catalogação destas informações existentes realizada nessa pesquisa no âmbito regional, histórico e social. Essas discussões contribuem para uma melhor interpretação e tradução das informações, assim como para estudos com outros sinais regionais. Conclui-se então, que esta pesquisa corrobora para outros estudos na área

da Libras, a fim de colaborar com a evolução da língua e com os estudos sociolinguísticos. Pois a Libras é um campo ainda pouco explorado e que precisa ser mais investigado, observando sempre os parâmetros e as particularidades dos falantes desta língua.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz?* 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BARBOSA, M. A. Modelos em lexicologia. *Língua e literatura* (Revista dos Departamentos de Letras da FFLCH-USP), São Paulo, v. 9, p. 261-270, 1980. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2594-5963.lilit.1980.115872>>. Acesso em: 28 de nov. 2020.

CAPOVILLA, Fernando Cesar; RAPHAEL, Walkiria Duarte. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da língua de sinais brasileira*. v. 2. São Paulo: Edusp, 2001.

COELHO, I. L. [et al.]. *Para conhecer sociolinguística*. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. *The Signs of Language*, Cambridge, MA.: Harvard University Press, 1979.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. *Sociolinguistic pattern*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, Mudança e Linguagem*. São Paulo: Parábola, 2004.

SAUSSURE, F. de (1916). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

STOKOE, W. C. *Sign Language Structure*. Na outline of the visual communication system of the American deaf. *Studies in Linguistics Occasional Papers* 8. Buffalo: University of Buffalo Press, 1960.

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. *Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais*. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.